



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



GIOVANNA LOPES DA SILVA

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PERMANÊNCIA DAS MÃES-ESTUDANTES
NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Uberlândia, Minas Gerais

2026

Giovanna Lopes da Silva

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PERMANÊNCIA DAS MÃES-ESTUDANTES NO
CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação
do Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, para
obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Camila Lima Coimbra

Uberlândia, Minas Gerais

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586
2026 Silva, Giovanna Lopes da, 1997-
DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PERMANÊNCIA DAS MÃES-
ESTUDANTES NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE UBERLÂNDIA [recurso eletrônico] / Giovanna Lopes da
Silva. - 2026.

Orientadora: Camila Lima Coimbra.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Uberlândia, Graduação em Pedagogia.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Coimbra, Camila Lima ,1972-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Pedagogia. III.
Título.

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	Pedagogia			
Defesa de:	Trabalho de Conclusão de Curso 2 (FACED39505)			
Data:	23/03/2026	Hora de início:	[14:06]	Hora de encerramento: [16:10]
Matrícula do Discente:	12211PED011			
Nome do Discente:	Giovanna Lopes da Silva			
Título do Trabalho:	"DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PERMANÊNCIA DAS MÃES-ESTUDANTES NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA"			

A carga horária curricular foi cumprida integralmente?	(x) Sim () Não
--	----------------------

Aos vinte e três dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis, realizou-se no Bloco 1G - Sala 1G125, do Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a sessão de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): **"DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PERMANÊNCIA DAS MÃES-ESTUDANTES NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA"**, apresentada pela acadêmica **Giovanna Lopes da Silva** do Curso de Pedagogia, conforme estabelece a RESOLUÇÃO 2014 do Colegiado de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, que Normatiza as Atividades Complementares e o Trabalho de Conclusão de Curso e regulamenta Quadro de Acompanhamento das Atividades Complementares no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, no âmbito da Faculdade de Educação, no Art.6º Os Trabalhos de Conclusão de Curso serão avaliados por seus respectivos professores orientadores, podendo, exceto monografia, ser submetido a banca avaliadora, a critério do orientador; Parágrafo Único: A Monografia para ser considerada como Trabalho de Conclusão de Curso deverá ser submetida a banca avaliadora. Os trabalhos foram instalados às 14:06 horas pela Profa. Dra. **Camila Lima Coimbra/FACED/UFU**, orientadora e presidente da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes professores: Profa. Dra. **Maria Simone Ferraz Pereira /FACED/UFU** e Profa. Dra. **Mara Rúbia Pinto de Almeida/FACED/UFU**. Encerrados os trabalhos de arguição às 16:10, os examinadores deram o parecer final sobre a monografia, tendo sido atribuídas à estudante as seguintes notas:

Profa. Dra. Camila Lima Coimbra (Presidente)	Nota: 100,0
Profa. Dra. Maria Simone Ferraz Pereira	Nota: 100,0
Profa. Dra. Mara Rúbia Pinto de Almeida	Nota: 100,0
Nota Final : 100,0	

Proclamados os resultados pela Profa. Dra. **Camila Lima Coimbra**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos, e para constar, eu Candida Rosa Neta, Secretária da Coordenação do Curso de Pedagogia, lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Uberlândia, 23 de março de 2026.

Candida Rosa Neta (Secretária) _____

Data da Homologação pelo Colegiado: _____



Documento assinado eletronicamente por **Camila Lima Coimbra, Professor(a) do Magistério Superior**, em 23/03/2026, às 16:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mara Rubia Pinto de Almeida, Membro de Comissão**, em 23/03/2026, às 16:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Simone Ferraz Pereira, Membro de Comissão**, em 23/03/2026, às 16:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7164380** e o código CRC **F428AFDC**.

Referência: Processo nº 23117.018753/2026-15

SEI nº 7164380

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e à Nossa Senhora de Guadalupe, que me mantiveram forte para (sobre)VIVER aos últimos anos.

Aos professores e amigos da Turma 79, que me ajudaram e me suportaram de todas as formas e, principalmente, que me ouviram e se fizeram presentes ao longo desses 4 anos.

À minha família que me motiva a cada dia.

Ao meu filho, pois sem ele nada disso seria possível.

EPÍGRAFE

Toda mulher
Tem no seu íntimo uma magia própria
De fazer acontecer
De dar um jeito
De dar o peito
Dar um colo
Fazer bem feito.
Toda mulher traz na alma a força dos ventos
O fascínio de um cavalo selvagem
A sensibilidade de uma flor
Que sente, pressente, intui
Se abre no momento certo
E exala seu perfume.
Ela galopa contra o vento
Enfrenta tormentas
Carrega consigo suas mágoas
E as dissipa no ar.
Tem a alma leve
Apaixonada
Não abandona o que acredita por nada.
Tem medo, Tem asas
Preza sua liberdade
Divide com aquele que acredita
Sua vida, seus sonhos, seu amor e sua alma.

(Carolina Salcides)

RESUMO

O presente trabalho discute as possibilidades e os desafios enfrentados por mães-estudantes na graduação, com foco no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, analisando de que forma a maternidade impacta suas trajetórias acadêmicas. A pesquisa de abordagem qualitativa está fundamentada em levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, com a realização de entrevistas semiestruturadas com sete mães-estudantes matriculadas no curso. A análise de dados foi realizada com base nas etapas de redução, apresentação e verificação, conforme proposto por Gil (2008), organizando os resultados em categorias temáticas. O referencial teórico revela que, embora o acesso das mulheres ao ensino superior represente um avanço histórico, persistem desigualdades estruturais associadas à divisão sexual do trabalho. A análise do curso de Pedagogia e das políticas institucionais demonstram a existência de dispositivos legais que visam garantir a continuidade dos estudos durante a gestação e no pós-parto. Entretanto, tanto a literatura quanto os relatos das participantes indicam que tais medidas são insuficientes diante das demandas físicas, sociais e emocionais da maternidade. Os dados construídos foram organizados em quatro eixos temáticos: dificuldades na graduação, relação com os colegas, relação com os professores e impactos da maternidade na graduação. Os resultados indicam que as principais dificuldades estão relacionadas à sobrecarga de funções, gestão do tempo, à rigidez de estruturas acadêmicas, e ao cansaço físico e emocional. A falta de flexibilidade e das políticas institucionais de apoio ineficazes contribuem para sentimentos de insuficiência, culpa e, em alguns casos, para o trancamento de matrícula. Conclui-se que a maternidade atravessa profundamente a experiência universitária, representando um fator que reestrutura a identidade acadêmica das mulheres e evidenciando as limitações de um modelo institucional ainda pautado na lógica da disponibilidade integral. Assim, a permanência das mães-estudantes na graduação não depende apenas do acesso formal, mas da construção de condições materiais, institucionais e reais que reconheçam a maternidade como parte legítima da trajetória acadêmica.

Palavras-chave: Maternidade. Universidade. Permanência. Mulheres. Estudantes.

ABSTRACT

This paper discusses the possibilities and challenges faced by student mothers in undergraduate studies, focusing on the Pedagogy course at the Federal University of Uberlândia, analyzing how motherhood impacts their academic trajectories. The qualitative research is based on a literature review and field research, including semi-structured interviews with seven student mothers enrolled in the course. Data analysis was conducted using the reduction, presentation, and verification stages proposed by Gil (2008), organizing the results into thematic categories. The theoretical framework reveals that, although women's access to higher education represents historical progress, structural inequalities associated with the sexual division of labor persist. The analysis of the Pedagogy course and institutional policies demonstrates the existence of legal mechanisms aimed at guaranteeing the continuity of studies during pregnancy and postpartum. However, both the literature and the participants' accounts indicate that such measures are insufficient to meet the physical, social, and emotional demands of motherhood. The data collected were organized into four thematic axes: difficulties in undergraduate studies, relationships with peers, relationships with professors, and the impact of motherhood on undergraduate studies. The results indicate that the main difficulties are related to the overload of responsibilities, time management, the rigidity of academic structures, and physical and emotional exhaustion. The lack of flexibility and ineffective institutional support policies contribute to feelings of inadequacy, guilt, and, in some cases, to dropping out of school. It is concluded that motherhood profoundly permeates the university experience, representing a factor that restructures the academic identity of women and highlighting the limitations of an institutional model still based on the logic of full availability. Thus, the retention of student-mothers in undergraduate studies depends not only on formal access, but also on the construction of material, institutional, and real conditions that recognize motherhood as a legitimate part of the academic journey.

Keywords: Motherhood. University. Staying. Women. Students.

LISTA DE SIGLAS

CAAE: Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

DCN: Diretrizes Curriculares Nacionais

PROAE: Pró-Reitoria de Assistência Estudantil

REA: Regime Especial de Aprendizagem

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFU: Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
QUADRO 1	14
2. O CONTEXTO DAS MÃES-ESTUDANTES	15
2.1 Sobre o ser-mãe na Universidade	18
QUADRO 2	19
3. O CURSO DE PEDAGOGIA E OS DIREITOS DAS MÃES-ESTUDANTES	21
4. TECENDO OS DADOS	25
4.1 Dificuldades na graduação: “abrir mão de algumas coisas”	26
4.2 Relação com os colegas: apoio ou invisibilidade?	28
4.4 Impactos da maternidade na graduação: um olhar mais sensível	31
5. (IN)CONCLUSÃO: MUITO A SE FAZER	34
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A	41
APENDICE B	44
ANEXO 1	45

1.Introdução

*Eu sou mãe-coisa pendurada na parede com respeito e dor.
Mas que funda alegria em ser mãe.
Mãe é doida.
É tão doida que dela nasceram filhos.
Eu me alimento com ricas comidas e tu mamas em mim leite grosso e fosforescente.
Eu sou o teu talismã
(Clarice Lispector)*

Ingressar na Universidade Federal é um sonho para a maioria dos jovens advindos de escola pública, e comigo não foi diferente. O êxtase de ser aprovada como cotista após anos de tentativa é algo que não consigo descrever com palavras. Foi uma felicidade muito grande compartilhar essa notícia com os amigos e familiares, e sentir orgulho de si mesma. Entretanto, em meio a todo esse frenesi, descobri uma gravidez não planejada e logo me veio a dúvida se eu conseguiria conciliar os estudos com a maternidade. Embora eu conte com o apoio da minha família, havia a preocupação quanto ao acolhimento e à compreensão dos professores diante da nova realidade. Os primeiros meses foram árduos pois ainda não tinha amizade com muitas pessoas e alguns professores não consideraram a minha situação como algo que precisasse ser zelado de uma forma distinta. Com o tempo, no entanto, fui me acostumando com a rotina universitária e fui surpreendida por professores com um compromisso ético-pedagógico (condição que deveria ser universal) e muito compreensivos. Ainda assim, não consigo mensurar a dificuldade enfrentada por mães que, além de não contarem com uma rede de apoio, convivem com professores mais rígidos e menos empáticos.

Foi nesse contexto que descobri o Projeto Materniência- Maternidade e Ciência, criado pela pesquisadora Mara Rúbia Pinto Almeida, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Segundo o portal de notícias da UFU (Borges, 2023), Almeida define o projeto como

Um espaço de discussão envolvendo o tema maternidade e ciência que busca refletir sobre os impactos no que tange à equidade de gênero. Um local seguro de compartilhamento de experiências de mulheres-mães que estão na pesquisa.

As reuniões aconteceram de forma *on-line*, promovendo debates sobre maternidade, vida acadêmica, além de dicas e trocas de vivências; sempre com o intuito de fortalecer e de encorajar as participantes a persistirem nos estudos. Após participar de alguns encontros me senti mais amparada, motivada a dar continuidade à vida acadêmica e instigada a aprofundar meus estudos sobre a temática. Essa inquietação inicial tomou forma acadêmica durante a disciplina de PIPE (Projeto Integrado de Prática Educativa) em 2024, onde o pré-projeto sobre os desafios da permanência foi delineado.

Elisabeth Badinter (1985), ao citar *Madame du Châtelet*, ressalta a centralidade do estudo para as mulheres, destacando que, historicamente, este se configurou como um dos poucos caminhos de afirmação intelectual e pessoal em uma sociedade que as excluía dos espaços de reconhecimento e glória reservados majoritariamente aos homens. Nesse sentido, refletir sobre a presença feminina na educação superior e, de modo específico, sobre a experiência das mães-estudantes na graduação, torna-se fundamental para compreender como antigas estruturas de exclusão ainda se manifestam de forma velada ou explícita.

O amor ao estudo é bem menos necessário à felicidade dos homens do que das mulheres... Eles têm outros meios de chegar à glória. As mulheres, porém, são excluídas de toda espécie de glória e quando, por acaso, encontra-se alguma que nasceu com uma alma bastante elevada, resta-lhe apenas o estudo para consolá-la de todas as exclusões e de todas as dependências a que está condenada pelo seu estado. (Batinder, 1985, p.114)

A maternidade é atravessada por múltiplas representações sociais que frequentemente associam a mulher ao cuidado doméstico e familiar, colocando em segundo plano sua atuação acadêmica e profissional. Quando inseridas no ambiente universitário, essas mulheres podem enfrentar barreiras adicionais, desde a falta de políticas institucionais de apoio, até a resistência de alguns docentes em reconhecer suas demandas específicas. Assim, a universidade, que deveria ser um espaço democrático de produção e difusão de conhecimento, por vezes reproduz desigualdades de gênero que comprometem a trajetória acadêmica das estudantes mães.

Diante desse cenário, este trabalho se propôs a problematizar de que forma as mães-estudantes são percebidas no ambiente universitário, especificamente na graduação, e a investigar como a atitude dos professores influencia positiva ou negativamente suas trajetórias acadêmicas. A análise desse contexto contribui não apenas para a compreensão das dinâmicas de gênero no ensino superior, mas também para a construção de práticas institucionais mais inclusivas, capazes de promover a equidade e fortalecer a permanência dessas estudantes na universidade.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar os desafios e possibilidades da permanência de mães-estudantes no curso de Pedagogia da UFU. Como objetivos específicos, propõe-se: a) Identificar as principais dificuldades enfrentadas; b) Analisar a percepção das mães-estudantes sobre as atitudes e o acolhimento dos professores diante da maternidade no contexto acadêmico; c) Analisar a adequação das políticas institucionais da UFU e das legislações federais às demandas reais de permanência das mães-estudantes de Pedagogia.

A escolha da escrita “mães-estudantes” justifica-se como forma de representar, na linguagem, o que identifica essa estudante, para que seja reconhecida em sua pertença social como mãe. Nessa sociedade machista em que vivemos, uma mãe-estudante exige políticas e

ações estruturais em defesa de seu direito constitucional à educação, não só acesso, mas também permanência. Navegam também comigo nessa escrita, mulheres que gritam em forma de poesia, por isso, as epígrafes dizem muito sobre a forma como essa autora vê o mundo.

Para atingir os objetivos almejados, o presente Trabalho de Conclusão de Curso desenvolveu uma pesquisa qualitativa, pois de acordo com Minayo (2001, p.21):

[...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A escolha por essa abordagem se justificou pela necessidade de compreender a complexidade das experiências vividas pelas estudantes mães no ensino superior, uma vez que esse fenômeno envolve dimensões subjetivas, sociais e culturais que não poderiam ser captadas de maneira satisfatória apenas por meio de indicadores numéricos. A abordagem qualitativa contribui para uma visão mais ampla e contextualizada do cenário estudado, permitindo analisar como a maternidade interfere na vida acadêmica das estudantes e de que forma as relações institucionais e interpessoais influenciam suas trajetórias.

Para realizar o levantamento dos dados referentes aos objetivos propostos, a pesquisa utilizou, em um primeiro momento, a pesquisa bibliográfica e, posteriormente, a pesquisa de campo. A etapa bibliográfica, conforme Triviños (1987), é essencial para o embasamento teórico, pois permite conhecer e analisar produções já existentes sobre o tema, sistematizar conceitos fundamentais e identificar lacunas a serem exploradas, bem como descobrir ligações do assunto que lhe interessa com outros problemas, fato que amplia a visão sobre o que se pretende estudar. Dessa forma, o levantamento de dados se constitui como ponto de partida para a compreensão do contexto da maternidade e da permanência estudantil no ensino superior, bem como para a definição do enfoque da investigação.

Na sequência, optei pela realização da pesquisa de campo, que, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), caracteriza-se pela coleta de dados diretamente no ambiente onde os fenômenos ocorrem, permitindo uma observação mais próxima e detalhada da realidade estudada; possibilitando uma interação direta com os sujeitos e contextos envolvidos, facilitando a compreensão contextualizada dos fenômenos em estudo. No caso deste trabalho, a pesquisa de campo se mostrou especialmente relevante por possibilitar a aproximação com as estudantes mães em seu próprio contexto acadêmico; compreender como elas percebem o ambiente universitário; analisar as relações com professores e colegas, bem como os desafios enfrentados na conciliação entre maternidade e vida acadêmica.

Como recurso metodológico foi utilizado o emprego de entrevistas com as estudantes buscando compreender como é a relação de convivência delas com os professores e quais os desafios enfrentados. Sendo assim, foi utilizado como instrumento de coleta, as entrevistas semiestruturadas, por acreditar que esta ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o participante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo assim a pesquisa. Triviños (1987) entende entrevista semiestruturada como aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do participante. Assim, o voluntário da pesquisa segue espontaneamente a sua linha de pensamento e de suas experiências, e começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

O projeto foi cadastrado na plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da UFU - sob o número CAAE: 88070725.4.0000.5152. Todos os instrumentos de pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram anexados e aprovados pelo comitê, então procedeu-se a coleta de dados.

A definição das participantes ocorreu diretamente nas salas de aula do curso de Pedagogia do campus Santa Mônica. Após a explicação sobre a pesquisa, foi disponibilizado o meu contato via WhatsApp, para que as estudantes mães que se dispusessem a participar se manifestassem com o nome e e-mail individualmente. Em seguida, foi encaminhado ao e-mail da estudante o TCLE, que deveria ser assinado virtualmente e devolvido em formato PDF, caso houvesse concordância em participar da pesquisa. Após o recebimento do TCLE assinado, foram agendadas entrevistas individuais de acordo com a disponibilidade de cada participante. Esses encontros ocorreram nas dependências da Universidade, em data e horário previamente combinados com cada estudante.

A escolha pelo curso de Pedagogia justifica-se não apenas pelo pertencimento da autora, mas pela contradição intrínseca que o campo apresenta: embora se dedique ao estudo do desenvolvimento infantil, o ambiente acadêmico muitas vezes falha em acolher as necessidades das estudantes que exercem esse cuidado na prática.

Participaram da pesquisa 7 (sete) estudantes mães matriculadas no curso de pedagogia da Faculdade de Educação da UFU. Os critérios de inclusão foram estar regularmente matriculada no curso de graduação, ser mãe e aceitar participar da pesquisa. Para preservar a identidade das participantes, os nomes reais das entrevistadas foram substituídos por nomes de mulheres negras que tiveram relevância histórica. A escolha desses nomes também se justifica

pela identificação da autora com essas trajetórias, uma vez que, enquanto mulher negra, reconhece nessas mulheres referências de resistência, luta e produção de conhecimento. Ângela Davis é uma filósofa e ativista dos Estados Unidos; Antonieta de Barros foi professora e a primeira mulher negra eleita deputada estadual no Brasil; Aretha Franklin foi uma cantora estadunidense; Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira; Enedina Marques foi a primeira engenheira negra do Brasil; Lélia Gonzalez foi uma intelectual, antropóloga e feminista negra brasileira; e Sônia Guimarães foi a primeira doutora negra em física do Brasil.

Os dados coletados foram sistematizados em um quadro de caracterização, contendo informações básicas sobre cada participante:

Quadro 1: Caracterização das participantes

Participante	Idade	Ano do curso	Idade do filho	Trabalha?	Estado civil	Como se declara
Ângela	21	4º ano	11 meses	Não	Casada	Branca
Antonieta	25	4º ano	1 ano e 3 meses	Não	Casada	Parda
Aretha	42	4º ano	21, 5 anos	Sim	Casada	Preta
Carolina	18	2º ano	7 meses	Não	Casada	Branca
Enedina	54	3º ano	36, 34, 32 anos	Não	Casada	Branca
Lélia	29	4º ano	13, 11 anos	Não	Casada	Preta
Sônia	25	3º ano	2 anos e 2 meses	Sim	Casada	Branca

Fonte: elaborado pela pesquisadora

O perfil das participantes aponta uma diversidade de trajetórias maternas no contexto universitário. As idades variam entre 18 e 54 anos, com a maioria das estudantes matriculadas no 4º ano do curso. Observa-se que a maioria possui filhos pequenos, com até 5 anos de idade, o que intensifica as demandas de cuidado no cotidiano materno e acadêmico. Apenas duas entrevistadas exercem atividade remunerada, indicando possíveis dificuldades na conciliação entre trabalho, estudo e maternidade. Embora a totalidade das participantes se declarem casadas, tal condição não corresponde, necessariamente, à uma divisão equitativa das responsabilidades de cuidado com os filhos e afazeres domésticos; sugerindo que a maternidade pode ser solo mesmo quando há um cônjuge.

A análise dos dados coletados nas entrevistas semiestruturadas foi realizada com base nas diretrizes propostas por Gil (2008), que organiza o processo analítico em três etapas principais: redução, apresentação e verificação/conclusão.

A redução dos dados: consiste na seleção e simplificação das informações obtidas nas entrevistas, transformando os dados originais em sumários organizados de acordo com os

objetivos da pesquisa. Essa etapa envolve a focalização, abstração e transformação das informações em categorias que permitam uma análise sistemática.

Apresentação: Após a redução, os dados foram apresentados de maneira estruturada, utilizando textos descritivos e quadros que evidenciam as categorias temáticas e as relações entre elas. Essa etapa permite observar a inter-relação entre os dados, facilitando uma análise aprofundada do fenômeno estudado.

Conclusão: A etapa final consiste na verificação das conclusões, garantindo que os significados extraídos dos dados sejam confiáveis e passíveis de explicações alternativas.

A elaboração da conclusão requer uma revisão para considerar o significado dos dados, suas regularidades, padrões e explicações. A verificação, intimamente relacionada à elaboração da conclusão, requer a revisão dos dados tantas vezes quantas forem necessárias para verificar as conclusões emergentes. Os significados derivados dos dados precisam ser testados quanto à sua validade. (Gil, 2008, p. 176)

A validade, segundo Gil (2008), não se refere à mensuração quantitativa, mas à consistência e credibilidade das conclusões obtidas. A revisão contínua dos dados e das categorias possibilita assegurar que as interpretações das experiências das participantes sejam fiéis à realidade investigada, fortalecendo a análise e as conclusões do estudo.

A monografia está organizada em três seções. Na primeira será apresentado o referencial teórico que fundamenta a pesquisa, discutindo a presença de mães-estudantes na graduação e os desafios enfrentados na conciliação entre maternidade, vida acadêmica e outras dimensões da vida social. Na segunda seção serão apresentados o curso de Pedagogia da UFU e as legislações com os direitos garantidos às estudantes mães, como licenças que amparam a continuidade da formação. Por fim, na terceira seção, será exposta a análise de dados, buscando compreender como a maternidade impacta as experiências acadêmicas das mulheres entrevistadas, articulando os relatos obtidos ao referencial teórico discutido anteriormente.

2. O contexto das mães-estudantes

*Tem os que passam
e tudo se passa
com passos já passados*

*Tem os que partem
da pedra ao vidro
deixam tudo partido*

*E tem, ainda bem,
os que deixam
a vaga impressão
de ter ficado
(Alice Ruiz)*

A compreensão da permanência das mães-estudantes no ensino superior exige uma análise que ultrapasse a dimensão individual da experiência acadêmica, situando, assim, no contexto das transformações sociais que ampliaram o acesso à universidade e das persistentes desigualdades de gênero que estruturam a sociedade brasileira. Nesse sentido, a presença crescente de mulheres na graduação representa um avanço histórico importante. De acordo com o Censo da Educação Superior de 2024, nos cursos de licenciatura, mais de 70% dos estudantes matriculados são de mulheres (Brasil, 2025). Porém, esse avanço não elimina as tensões relacionadas à permanência, especialmente quando se considera a maternidade como elemento que reconfigura tempos, responsabilidades e prioridades na vida das estudantes.

Nessa perspectiva, a divisão sexual do trabalho se faz um elemento estruturante das desigualdades de gênero que atravessam a vida das mulheres. De acordo com Hirata e Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho é entendida como uma forma de divisão social do trabalho decorrente das relações entre os sexos, sendo fundamental para a manutenção dessas relações. Para as autoras, esse conceito possui dois princípios organizadores essenciais: o princípio da separação, onde se estabelecem os trabalhos específicos para homens e para mulheres; e o princípio hierárquico, segundo o qual as atividades designadas aos homens têm maior valor social do que as atribuídas às mulheres. Dessa forma, as atividades relacionadas ao cuidado, à manutenção do espaço doméstico e à reprodução da vida são historicamente atribuídas às mulheres e socialmente desvalorizadas, ainda que sejam indispensáveis para o funcionamento da sociedade.

Essa organização repercute diretamente na trajetória das mães-estudantes, uma vez que a responsabilidade pelo cuidado com os filhos e pelas tarefas domésticas recai majoritariamente sobre elas, produzindo sobrecarga e limitando suas condições de dedicação aos estudos. No caso das estudantes mães, tal divisão se expressa na sobreposição de jornadas e na necessidade de conciliar estudo, cuidado com os filhos, trabalho remunerado e tarefas domésticas; o que impacta diretamente nas suas condições de permanência na universidade.

Segundo Louro (2012), a inserção feminina no magistério constitui um importante marco histórico na ampliação da presença das mulheres nos espaços de formação e trabalho. A autora demonstra que, embora o ensino fosse inicialmente um campo predominantemente masculino, a criação das escolas normais favoreceu sua progressiva feminização, permitindo que muitas mulheres ultrapassassem os limites do espaço doméstico. Contudo, a autora ressalta que essa ocupação foi legitimada por meio da associação entre docência e maternidade. O magistério passou a ser concebido como uma extensão natural das funções maternas, sustentado

pela ideia de que as mulheres possuíam, por natureza, maior aptidão para o cuidado e a educação das crianças. Tal concepção, ao mesmo tempo em que possibilitou a entrada feminina na profissão, vinculou a docência a atributos considerados tipicamente femininos, como amor, paciência e dedicação, reforçando a noção do magistério como um sacerdócio, e não como uma atividade profissional regulamentada.

Como consequência, essa articulação entre gênero e profissão produziu limitações à atuação das mulheres. A idealização da professora como “mãe espiritual” e trabalhadora abnegada contribuiu para naturalizar condições precárias e dificultar reivindicações relacionadas a salário, carreira e reconhecimento profissional. Assim, conforme argumenta Louro (2012), o avanço feminino no magistério ocorreu sob um paradoxo: a mesma lógica que abriu as portas da escola às mulheres também as submeteu a expectativas de sacrifício, docilidade e submissão, tensionando sua permanência e sua luta por melhores condições de trabalho.

A fragilidade feminina, constituída pelo discurso religioso, médico, jurídico e educacional é também constituinte de sua proteção e tutela. A professora terá de ser produzida, então, em meio a aparentes paradoxos, já que ela deve ser, ao mesmo tempo, dirigida e dirigente, profissional e mãe espiritual, disciplinada e disciplinadora. (Louro, 2009, p.380)

É nesse contexto que a experiência das estudantes mães se configura como atravessada por múltiplas tensões. Urpia e Sampaio (2009) revelam que a lógica universitária, marcada pela exigência de disponibilidade integral, produtividade e cumprimento rígido de prazos, colide diretamente com as responsabilidades maternas e com as persistentes prescrições de gênero. As autoras descrevem a vivência dessas mulheres como um verdadeiro malabarismo entre papéis, frequentemente resultando em trancamentos de matrícula, abandono de disciplinas e sentimentos de insuficiência diante das expectativas acadêmicas e familiares.

A dimensão emocional dessa experiência também se revela significativa. Sousa e Leonardeli (2024) apontam que, além das dificuldades materiais e organizacionais, as estudantes mães enfrentam olhares de julgamento e questionamentos implícitos sobre sua legitimidade no espaço universitário. Tal cenário expõe que a permanência não se limita a condições objetivas, mas envolve reconhecimento simbólico e enfrentamento de estigmas associados à maternidade em contextos historicamente pensados para sujeitos sem responsabilidades de cuidado.

Carneiro et al. (2024) aprofunda essa discussão ao sublinhar que as mães estudantes necessitam, frequentemente, justificar ausências, atrasos ou limitações impostas pelo cuidado com os filhos; apontando uma dinâmica institucional que ainda não reconhece plenamente suas

especificidades. As autoras ressaltam a importância da empatia docente e do apoio institucional contínuo, indicando que a permanência dessas mulheres depende tanto de políticas formais quanto de práticas pedagógicas sensíveis às suas realidades.

A permanência, portanto, deve ser compreendida como um direito que envolve não apenas acesso formal à matrícula, mas também condições materiais, institucionais e simbólicas para que o percurso formativo se realize de maneira digna e possível. Sousa e Leonardeli (2024) afirmam que a permanência estudantil deve ser compreendida como dimensão que articula suporte material, como bolsas e auxílios, e suporte simbólico, relacionado ao acolhimento, à flexibilização responsável e ao reconhecimento da maternidade como parte legítima da trajetória acadêmica.

Assim, a análise da permanência das mães-estudantes no curso de Pedagogia insere-se em um debate mais amplo sobre gênero, divisão sexual do trabalho e direito à educação. A maternidade, longe de ser uma questão privada, revela as contradições de um modelo universitário ainda pouco sensível às demandas do cuidado, indicando a necessidade de políticas e práticas que assegurem não apenas o acesso, mas a permanência efetiva e digna dessas estudantes.

2.1 Sobre o ser-mãe na Universidade

*Seis vezes nós, cheias de nó
desafiando as estruturas,
vozes tênues, que não falam ternura,
mulheres pulsantes, desmascarando a realidade
nesse ato selvagem de escrever sonhos
(Coletivo Vozes-Mulheres)*

Ao analisar a questão problematizadora que orienta esse trabalho, definiu-se como estratégia de busca a utilização das palavras-chave “maternidade AND universidade”, “maternidade AND estudante” e “maternidade AND pedagogia”, por se compreender que tais termos representam de forma direta o nosso objeto de pesquisa. Definiu-se, ainda, um recorte temporal com o objetivo de mapear as produções nos últimos 5 anos, mais precisamente entre 2020 à 2025. As buscas foram feitas no Portal de Periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e na plataforma Scielo (Scientific Eletronic Library Online), utilizando os filtros para artigos nacionais, de acesso aberto, na área de Ciências Humanas.

Ao pesquisar a palavra-chave “maternidade AND universidade” no Portal de Periódicos da Capes, foram encontrados 2.485 resultados. Entretanto, ao aplicar os critérios estabelecidos,

esse número foi reduzido para 151. Para a palavra-chave “maternidade AND pedagogia” foram encontrados 25 resultados; reduzidos para 4 após a filtragem. Já para “maternidade AND estudante”, foram identificados 14 artigos.

Ao aplicar os mesmos critérios na página Scielo, para a palavra-chave “maternidade AND pedagogia” foi encontrado 1 artigo; para “maternidade AND universidade”, 5 artigos; e para “maternidade AND estudante”, 1 artigo.

Dentre os artigos encontrados, apenas 3 foram considerados pertinentes ao objeto da pesquisa. Esse dado é significativo, pois evidencia a escassez de pesquisas sobre as mães-estudantes, principalmente no curso da Pedagogia, o que reforça a importância e a necessidade desse estudo.

Apresentaremos abaixo um quadro sobre os trabalhos encontrados:

Quadro 2: Artigos encontrados

Título	Autoras(es)	Revista
As múltiplas jornadas de mulheres universitárias: uma análise a partir das implicações da educação feminina.	Júlia Cunha Barboza; Josiane Peres Gonçalves.	Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação.
Mães na universidade: a experiência do gestar -maternidade e ciência.	Cassiana Panissa Gabrielli; Andrea Rodrigues Ferro; Lígia Mara Boin Menossi de Araujo; Julia Emma Hackbarth; Viviane Quenzer; Emely Larissa dos Santos; Gabriela Aparecida Carlino.	Revista de Extensão do Instituto Federal Catarinense.
Maternidade, paternidade e vida acadêmica: impactos e percepções de mães e pais estudantes de medicina.	Quécia Hosana Fatel Brito; Katia de Miranda Avena; Evelise Maria Labatut Portilho; Mariana Araújo Pereira; Luiz Fernando Quintanilha	Revista Brasileira de Educação Médica.

Fonte: elaborado pela pesquisadora

O trabalho “As múltiplas jornadas de mulheres universitárias: uma análise a partir das implicações da educação feminina”, é um estudo de 2022 que investigou o discurso de quatro estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí (UFMS/CPNV), que são mães, donas de casa, profissionais e universitárias; para compreender como lidam com suas múltiplas jornadas e como essas responsabilidades impactam o desenvolvimento acadêmico. Os resultados indicaram que as mulheres são vistas como responsáveis principais pelo cuidado dos filhos e tarefas domésticas, o que gera sobrecarga e atividades. Essa acumulação de funções afeta negativamente a vida acadêmica, já

que as estudantes acabam priorizando a universidade, os afazeres domésticos e a maternidade, frequentemente em detrimento do cuidado consigo mesmas. Além disso, as entrevistadas relataram os desafios de conciliar todas essas demandas, mas também expressaram a motivação de continuar os estudos para proporcionar um futuro melhor para seus filhos. A pesquisa destaca que a desigualdade de gênero na educação e na sociedade reforça esses papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres, e que as experiências educacionais desde a infância refletem essa diferença de tratamento entre meninos e meninas.

O artigo “Mães na universidade: a experiência do gestar -maternidade e ciência”, relata as ações do GESTAR: Grupo de estudos, análise, reflexões e pesquisa sobre maternidade e ciência, criado em 2021 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O foco do GESTAR é discutir e enfrentar as desigualdades de gênero presentes no ambiente acadêmico, especialmente no que diz respeito às mulheres mães, utilizando uma perspectiva interseccional que articula questões de gênero, raça e classe. O texto mostra que a universidade estruturalmente distancia as mulheres dos espaços de poder e decisões, reproduzindo desigualdades relacionadas à maternidade, como a ausência de políticas e infraestrutura específicas para apoiar mães. Destacam-se, ainda, os desafios enfrentados pelas mulheres mães na conciliação entre trabalho acadêmico, cuidados maternos e produtividade, apontando a necessidade de reconhecer e valorizar o trabalho materno na universidade. O GESTAR, portanto, realiza atividades de extensão, eventos e pesquisas para dar visibilidade às mães na universidade, mapear suas necessidades, construir políticas institucionais e propor ações afirmativas para garantir maior equidade no ambiente acadêmico.

O estudo “Maternidade, paternidade e vida acadêmica: impactos e percepções de mães e pais estudantes de medicina” analisou o impacto da maternidade e paternidade no rendimento acadêmico de estudantes de Medicina no Brasil, além das percepções, motivações e desafios enfrentados por esses estudantes. Participaram 85 mães e pais estudantes de Medicina de diversas regiões do país. Os resultados mostraram que a maioria dos participantes tem orgulho de ser mãe ou pai universitário e não se arrepende de sua escolha, destacando a essencialidade da rede de apoio para equilibrar as responsabilidades pessoais e acadêmicas. Apesar de relatarem dificuldades para conciliar as obrigações parentais com o curso e sentirem que suas responsabilidades comprometem o rendimento acadêmico, o desempenho real desses estudantes foi semelhante ao dos estudantes sem filhos, com pequenas variações em alguns semestres. O estudo destaca que, embora a maternidade e a paternidade representem desafios significativos, os estudantes conseguem manter um bom desempenho acadêmico, reforçado por um sistema de apoio importante.

A análise dos estudos selecionados demonstra que, embora existam produções relevantes sobre a maternidade e o ambiente acadêmico, ainda são escassas as pesquisas que abordam, de forma específica, as condições de permanência das mães-estudantes, os impactos das políticas institucionais nesse processo e as dificuldades na conciliação entre a maternidade e formação acadêmica, principalmente sobre o curso de Pedagogia. Essa lacuna reforça a necessidade de investigações que problematizem essa realidade, considerando as múltiplas dimensões que atravessam a experiência da maternidade no contexto acadêmico. Nesse sentido, o presente trabalho busca ampliar o debate sobre o objeto de pesquisa e contribuir para a formulação de novas políticas institucionais mais sensíveis a essa realidade. Assim, torna-se fundamental aprofundar a compreensão dessa realidade a partir de contextos específicos, como o curso de Pedagogia da UFU, que será desenvolvido na seção a seguir.

3. O curso de Pedagogia e os direitos das mães-estudantes

*Muitas vezes basta ser
colo que acolhe
braço que envolve
palavra que conforta
silêncio que respeita,
alegria que contagia,
lágrima que corre,
olhar que sacia,
amor que promove.
(Cora Coralina)*

Nesta seção, abordaremos a história do Curso de Pedagogia da UFU, e na sequência discutiremos sobre as legislações com os direitos garantidos às estudantes mães.

A Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno - CNE/CP 1/2006, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o Curso de Graduação em Pedagogia, definindo-o como uma formação de licenciatura destinada à qualificação de profissionais para atuar na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio na modalidade Normal e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Parágrafo único. Para a formação do licenciado em Pedagogia é central:

- I - o conhecimento da escola como organização complexa que tem a função e promover a educação para e na cidadania;
- II - a pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de investigações de interesse da área educacional;
- III - a participação na gestão de processos educativos e na organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino. (Brasil, 2006, p.1)

Segundo as Diretrizes, a estrutura curricular deve conter um núcleo de estudos básicos, um núcleo de aprofundamento e diversificação, e um núcleo de estudos integradores. Também define uma carga mínima de 3.200 horas.

A partir de 2006, em consonância com as DCNs, o curso de Pedagogia da UFU passou uma nova reformulação curricular, estruturando o curso em três núcleos articulados: Formação Específica, Formação Pedagógica e Formação Acadêmico-Científico-Cultural. Essa organização buscou integrar teoria e prática desde os primeiros anos, por meio de disciplinas e atividades como o Projeto Integrado de Prática Educativa, seminários e estágios supervisionados, promovendo uma formação sólida, interdisciplinar e voltada para a reflexão crítica da realidade educacional.

Esta prática educativa será entendida como totalidade, objeto teórico e prático de estudos, de reflexão, de análise, de síntese e de experiências vivenciadas no processo de desenvolvimento do currículo do curso, pois, na prática educativa que ocorre em contextos de educação escolar e não-escolar, o conteúdo pedagógico constitui-se no próprio conteúdo específico do trabalho educativo e, por sua vez, o conteúdo específico, constitui-se no próprio conteúdo pedagógico de atuação do pedagogo. (Damis, 2010, p.55)

Nessa perspectiva, a definição do perfil do egresso, do campo de atuação do pedagogo e da própria especificidade da Pedagogia toma a prática e o trabalho pedagógico como objetos de estudo e pesquisa e, simultaneamente, como atividades fundamentais e pressupostos que estruturam os núcleos de formação. Dessa forma, é possível uma organização curricular que reúna, em um único núcleo, os conteúdos referentes aos conhecimentos específicos e pedagógicos que sustentam a prática educativa. Assim, o currículo do Curso passa a se estruturar sobre uma base comum que se constitui, ao longo de toda a formação, como espaço articulado de estudo, ensino e pesquisa, tendo a prática educativa como objeto central de análise na formação do pedagogo (Damis, 2010, p.56).

No Projeto Pedagógico do Curso vigente (Uberlândia, 2006), o curso é oferecido nos turnos matutino (com aulas das 07:10 às 11:30) e noturno (com aulas das 18:30 às 22:50), tem duração proposta de 4 anos, com regime acadêmico seriado anual e 80 vagas anuais.

Atualmente, embora as mulheres tenham ampliado sua participação em diferentes espaços sociais e profissionais; elas continuam acumulando funções, especialmente quando associadas à maternidade. No contexto universitário, estudantes que se tornam mães enfrentam dificuldades para conciliar as atividades acadêmicas com o cuidado dos filhos e as responsabilidades domésticas (Prates; Gonçalves, 2019).

Apesar das transformações históricas do curso de Pedagogia e da ampliação do acesso feminino ao ensino superior, a expansão e a democratização desse nível de ensino resultaram

na presença crescente de mulheres, muitas delas conciliando os estudos com a maternidade. O magistério, embora tenha sido inicialmente exercido por homens no Brasil, historicamente se transformou em uma ocupação majoritariamente feminina, um processo conhecido como a "feminização do magistério" (Louro, 2012). Essa realidade impôs à universidade o desafio de assegurar não apenas o acesso, mas também a permanência dessas estudantes. Torna-se, portanto, necessário examinar os dispositivos legais que asseguram condições diferenciadas às mães universitárias, como o Regime Especial de Aprendizagem (REA) e as legislações específicas de proteção à gestante.

Segundo a Resolução do Conselho de Graduação da UFU (Nº 46, DE 28 de março de 2022), O Regime Especial de Aprendizagem é um direito concedido a estudantes que, por situações específicas e devidamente comprovadas, ficam temporariamente impedidos de frequentar as atividades acadêmicas presenciais. Podem solicitar o REA estudantes que estejam enfrentando problemas de saúde (sem comprometimento da capacidade de aprendizagem), gestantes a partir do 8º mês ou com complicações da gravidez, estudantes que adotem ou obtenham guarda judicial de criança ou adolescente, representantes oficiais em eventos científicos, competidores artísticos ou esportivos oficiais, participantes de exercícios militares, aqueles que precisem acompanhar familiares doentes e estudantes que, por motivos religiosos legalmente garantidos, não possam comparecer às atividades acadêmicas (Uberlândia, 2022).

A solicitação é feita à Coordenação do Curso, com documentação comprobatória, respeitando prazos específicos conforme o motivo. Entretanto, o REA não é concedido para o estágio obrigatório. Após o deferimento, os professores devem encaminhar um roteiro de estudos com os conteúdos, bibliografia e atividades avaliativas equivalentes às aplicadas aos demais estudantes, considerando o período de 90 dias de REA. Todo o processo de solicitação e tramitação ocorre de forma eletrônica. Entretanto, considerando as condições da estudante, pode ser feita uma nova solicitação para renovar o período de afastamento, mediante atestado médico.

O REA está respaldado na Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975, promulgada durante o período da Ditadura Militar no Brasil, que garante às estudantes gestantes o direito ao regime de exercícios domiciliares a partir do oitavo mês de gestação e durante três meses, conforme previsto no Decreto-Lei nº 1.044/1969. Tal contexto histórico é relevante, pois revela que a legislação foi construída em um momento de centralização política e de baixa participação social, o que se reflete em uma abordagem ainda restrita dos direitos educacionais das mulheres. Ainda assim, a norma estabelece que, caso a gravidez seja considerada de risco, é possível solicitar o REA antes do período previsto. A lei assegura também que, em qualquer caso, a

estudante grávida tem direito a realizar os exames de recuperação ao longo do ano, garantindo a continuidade de seus estudos mesmo durante o afastamento.

Recentemente, em 2024, foi sancionada a Lei nº 14.925, que assegura a prorrogação de prazos acadêmicos e de bolsas de estudos para estudantes e pesquisadores que vivenciam a maternidade. A Lei determina que instituições de ensino superior garantam a extensão por no mínimo 180 dias de prazo relacionados à conclusão de disciplinas, à entrega de trabalhos de conclusão do curso, à defesa de dissertações e teses; bem como a prorrogação da vigência de bolsas de pesquisa e de estudo.

Esse avanço legal, embora tardio, com um intervalo de 55 anos, representa um importante avanço no que diz respeito à legitimidade da maternidade, ao estabelecer uma legislação específica que a distingue de outras enfermidades. Dessa forma, a maternidade passa a ser compreendida como uma dimensão própria da mulher, e não com uma condição patológica.

Entretanto, tanto na bibliografia levantada (Prates; Gonçalves, 2019; Silva et.al, 2020; Moraes; Alves, 2019; Ratusniak; César, 2021) quanto nos relatos das entrevistadas, esse período é considerado insuficiente para dar as condições de permanência da mãe-estudante. Isso se deve ao fato de que os primeiros meses de vida da criança são marcados por intensas demandas físicas e emocionais, exigindo cuidados constantes, amamentação em livre demanda e adaptação à nova rotina familiar. Soma-se a isso o processo de recuperação física da mulher no pós-parto, que pode envolver cansaço extremo, alterações hormonais e impactos na saúde mental. Ademais, o componente de Estágio Supervisionado, por não se enquadrar no REA, também demanda atenção, uma vez que impacta diretamente no atraso do curso para as estudantes-mães.

Além disso, a previsão legal de exercícios domiciliares não elimina a sobrecarga mental, pois transfere à estudante a responsabilidade de manter o desempenho acadêmico em condições de grande mudança física e emocional, muitas vezes sem rede de apoio adequada. Na prática, o que se observa é a permanência de uma lógica institucional que pressupõe disponibilidade e produtividade contínuas, desconsiderando as especificidades da maternidade. Assim, o tempo e as condições previstas pela legislação, embora represente um avanço na garantia formal de direitos, revela-se limitado diante da complexidade das demandas das estudantes mães, ressaltando a necessidade de políticas mais ampliadas e sensíveis à realidade vivida por essas mulheres.

Entretanto, um aspecto positivo refere-se ao auxílio creche. Os auxílios são concedidos às estudantes por meio da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE/UFU). Para serem

contempladas, as estudantes precisam estar regularmente matriculadas em cursos de ensino presencial na UFU e, prioritariamente, em situação de vulnerabilidade socioeconômica; além de possuírem filho com até seis anos de idade. A participação ocorre mediante processos de concessão organizados por editais ou portarias publicados pela PROAE. O auxílio-creche destinados para às mães universitárias corresponde ao valor de R\$ 450,00, podendo ser recebido pelo estudante pai ou mãe da criança (PROAE, Edital nº03/2025).

Assim, ainda que se reconheçam avanços normativos importantes no reconhecimento da maternidade no contexto educacional, constata-se que tais medidas não contemplam integralmente a complexidade das experiências vividas pelas estudantes-mães. A permanência dessas mulheres na universidade segue atravessada por desafios estruturais, institucionais e sociais que superam as legislações existentes. Diante disso, a próxima seção se dedica à análise das narrativas das estudantes participantes da pesquisa, buscando evidenciar, a partir de suas vivências, os limites e as possibilidades da permanência acadêmica.

4. Tecendo os dados

*Traça a reta e a curva,
a quebrada e a sinuosa
Tudo é preciso.
De tudo viverás.
(Cecília Meireles)*

Interpretar as narrativas de outrem é algo aparentemente distante quando se está a parte do contexto, porém ao adentrar nas vivências relatadas e compará-las com as suas próprias, torna-se algo íntimo, próximo, equivalente. Esse é o intuito dessa pesquisa, fazer com que essas mulheres se sintam acolhidas, ouvidas, e suas trajetórias reconhecidas. Portanto trataremos nessa seção dos percursos da pesquisa e dos dados colhidos nas entrevistas.

Inicialmente, durante o recrutamento realizado nas salas de aula do campus Santa Mônica, obtive respostas de 23 mulheres que são mães, que se interessaram em participar da pesquisa. No entanto, ao enviar e-mail a fim de realizar as entrevistas, somente 7 delas responderam.

Para facilitar a análise, as respostas das participantes foram agrupadas em categorias temáticas, definidas a partir dos objetivos da pesquisa e das recorrências identificadas nos depoimentos. Essa etapa, conforme Gil (2008), consiste em transformar os dados brutos em símbolos ou unidades analíticas passíveis de organização e comparação. Essa organização permite compreender padrões, semelhanças e divergências nas experiências das estudantes mães em relação à vida acadêmica, à maternidade e à relação com os professores.

A partir da leitura minuciosa das narrativas e da organização das unidades de análise, emergiram quatro eixos temáticos que sintetizam as experiências relatadas pelas participantes: (1) dificuldades na graduação; (2) relação com os colegas; (3) relação com os professores; e (4) impactos da maternidade na trajetória acadêmica. Esses eixos permitiram compreender como a condição de ser mãe atravessa o cotidiano universitário, influenciando percepções, relações e com isso, a permanência no curso.

A seguir, apresento a análise de cada eixo temático, articulando os relatos recebidos com os objetivos da pesquisa e destacando tanto os padrões coletivos quanto à singularidade de cada trajetória.

4.1 Dificuldades na graduação: “abrir mão de algumas coisas”

*Não pediremos licença,
somos corpos latentes,
Andantes
(Coletivo Vozes-Mulheres)*

As falas das entrevistadas revelam que as dificuldades enfrentadas pelas mães-estudantes durante a graduação são diversas, mas convergem para um ponto comum: a sobrecarga que recai sobre mulheres que conciliam maternidade, responsabilidades domésticas, trabalho e estudos. As entrevistadas relataram desafios relacionados ao gerenciamento do tempo, cansaço físico e emocional, dificuldade de concentração após longas jornadas, além da sensação recorrente de não conseguir acompanhar o ritmo imposto pelo curso. A dimensão mais recorrente entre as entrevistadas diz respeito à dificuldade de conciliar o papel de estudante com as responsabilidades de mãe, trabalhadora e, em muitos casos, responsável pelo cuidado doméstico. Urpia e Sampaio (2009) afirmam que a dimensão mais recorrente e desafiadora da experiência das mães universitárias é a dificuldade de conciliar o papel de estudante com as demandas da maternidade e, implicitamente, outras responsabilidades sociais e domésticas.

Para Enedina: “*estudar não é fácil, tem que ter muita força de vontade, para mim que sou dona de casa, sou mãe, tem que abrir mão de algumas coisas*”; ressaltando a mudança de prioridades que precisa ser feita para assegurar a permanência no curso. Sônia também reforça essa questão ao mencionar que a maior dificuldade está em “*conciliar o horário para estudar, com a rotina de trabalho e de ser mãe, de dona de casa e tudo mais*”. Essas falas mostram que a dificuldade não se resume apenas ao estudo em si, mas na tentativa de equilibrar simultaneamente demandas que exigem atenção, tempo e energia dessas mulheres.

Outro aspecto que emergiu na fala das entrevistadas, diz respeito à falta de estruturas institucionais que favoreçam a permanência de mães-estudantes no ensino superior. A

inexistência de políticas de acolhimento, horários flexíveis ou apoio à maternidade faz com que muitas delas vivenciem a graduação de modo mais complexo e solitário. Essas condições geram sentimentos de insuficiência, culpa e, em alguns casos, vontade de desistir, especialmente em momentos de maior demanda acadêmica. Assim, as dificuldades não são apenas individuais, mas atravessadas por fatores estruturais que impactam diretamente na permanência e no desempenho acadêmico dessas estudantes.

Ângela descreve uma situação emblemática de incompatibilidade entre as regras da universidade e as condições reais das estudantes mães; apesar de estar em regime especial de aprendizagem no pós-parto, não podia realizar o estágio, mas era obrigada a frequentar as aulas. Uma contradição que ela aponta:

“Então, eu só vinha na aula do estágio. Embora eu não podia fazer o estágio, porque eu estava de regime especial. Então, não faz muito sentido né. Eu tinha que vir às aulas, mas eu não podia fazer o estágio. [...] Mas você é obrigado a vir às aulas. Então, não faz sentido nenhum. Mas eu acho que o mais difícil pra mim foi a questão do estágio mesmo”.

Embora a Resolução nº 46/2022 da UFU (apresentada na seção 3) garanta o direito ao Regime Especial de Aprendizagem, o relato de Ângela expõe a fragilidade dessa política ao excluir o estágio obrigatório. Isso demonstra que a permanência formal (o papel) colide com a impossibilidade real de fluxo curricular, gerando o atraso na formação.

Aretha, por sua vez, afirma que *“principalmente os estágios”* constituem sua maior dificuldade, já que demandam tempo presencial e pouca flexibilidade, inviabilizando a conciliação com o cuidado da filha pequena.

Lélia também enfrentou dificuldades semelhantes, chegando a trancar um ano letivo do curso devido à impossibilidade de conciliar trabalho, maternidade e as disciplinas:

“Eu tive que trancar o primeiro ano porque eu fiquei muito abalada emocionalmente, porque meus filhos começaram a ficar com dificuldade na escola. E eu via que era por conta da falta daquela ajuda, que eu tinha que estar sempre ali. Aí no primeiro ano eu fiquei muito abalada, eu vi que eles precisavam muito de mim, aí eu tranquei um ano. Não só por isso, mas por outros problemas também, mas isso também me abalou muito, ver que eu não conseguia conciliar nessa área aí”.

Sônia também enfrentou o mesmo desafio e trancou o curso por um ano: *“Tranquei o curso quando eu fiquei grávida e a licença era só 3 meses. Aí eu tranquei para ter mais tempo”.*

Para Urpia e Sampaio (2009), a lógica universitária de exclusividade colide diretamente com as responsabilidades maternas e as persistentes prescrições de gênero, levando as estudantes a um verdadeiro malabarismo que resulta em trancamentos, abandono de disciplinas e a sensação de não conseguir se dedicar integralmente a nenhum dos papéis.

Outro elemento recorrente é a percepção de que o curso não oferece suporte adequado às estudantes com filhos. Ângela afirma que “*não é o curso que adapta, você tem que se adaptar pra terminar o curso*”. Antonieta reforça essa dificuldade ao mencionar que, quando não há suporte familiar para ficar com o filho, precisa trazê-lo para a universidade. A falta de políticas institucionais de apoio, como adaptações de prazos, possibilidades de ensino híbrido em situações específicas ou oferta de horários diferenciados, ausência de um espaço para as crianças, intensifica a sobrecarga percebida pelas estudantes mães. Se a Pedagogia forma para o educar, mas não cuida de quem se forma, ela não reproduz a desvalorização estrutural do trabalho reprodutivo?

Segundo as autoras supracitadas, a maternidade implica profundas transformações subjetivas, demandando um processo de reconstrução de si. Assim, a estudante mãe precisa não apenas incorporar a nova posição social da maternidade, mas também reelaborar sua identidade universitária, anteriormente construída dentro de um padrão que não considera a presença de filhos. Após o nascimento, essa identidade acadêmica precisa ser reorganizada para se adequar à nova realidade, processo que, muitas vezes, ocorre sem o devido reconhecimento ou suporte institucional.

Evidenciamos, portanto, que a maternidade atravessa profundamente a vivência universitária, transformando a graduação em um processo marcado por resistência, sacrifícios e adaptações constantes, quase sempre assumidas exclusivamente pelas próprias estudantes. A experiência da maternidade recai como uma camada extra de exigência, tornando o que já é difícil ainda mais desafiador.

4.2 Relação com os colegas: apoio ou invisibilidade?

*Mulheres que compõe o verso.
Eu, tu, ela, nós.
(Coletivo Vozes-Mulheres)*

Referente à relação com os colegas, as falas das entrevistadas evidenciam experiências ambíguas. Algumas entrevistadas relataram acolhimento, compreensão e apoio emocional por parte dos colegas, especialmente quando precisavam se ausentar ou reorganizar atividades em razão das demandas maternas. Esses vínculos funcionaram como uma rede de apoio informal, fundamental para a continuidade da trajetória acadêmica. Entretanto, outras vivenciaram situações de distanciamento, julgamento ou falta de empatia. Em determinados contextos, a maternidade foi percebida por colegas como um impedimento para a realização de trabalhos

coletivos ou participação em encontros extracurriculares. Essa percepção leva, por vezes, à exclusão sutil de atividades ou à falta de convite, o que acentua sentimentos de isolamento. As relações interpessoais mostraram-se um elemento central: quando positivas, fortalecem a permanência; quando negativas, intensificam a sensação de inadequação, de não pertencimento e os desafios da conciliação entre maternidade e estudo.

A maior parte das entrevistadas descreve suas relações com os colegas como tranquilas, respeitadas e permeadas por apoio emocional e prático. Esse acolhimento se torna ainda mais explícito na experiência de Ângela, que relata ter sido surpreendida por um gesto coletivo de cuidado quando suas colegas organizaram um chá de fraldas antes do nascimento de seu filho. Para ela, o gesto *“foi algo que me surpreendeu muito, me ajudou muito”*, reforçando a importância dos vínculos afetivos estabelecidos no espaço acadêmico. Carolina também reforça essa dimensão acolhedora ao descrever sua relação como *“muito boa com todo mundo”*, comentando que a presença da filha contribui inclusive para aproximá-la dos colegas. Nesses casos, observa-se que a maternidade, em vez de gerar distanciamento, se torna um elemento de aproximação, despertando empatia e cuidado no grupo.

Porém, outra entrevistada demonstra uma postura mais reservada em relação aos colegas. Lélia apresenta uma postura mais intencional de distanciamento, afirmando que não busca amizades duradouras e que seu objetivo principal é *“concluir o curso e pronto”*. Essa perspectiva evidencia que a forma como a estudante escolhe se relacionar também influencia o tipo de vínculo construído. Para algumas mães, a quantidade de responsabilidades (cuidado com os filhos, trabalho, estudos) limita o tempo e a energia disponíveis para investir em relações sociais mais profundas dentro da universidade.

Apesar das diferenças nas formas de interação, as falas convergem para a percepção de que os colegas de turma desempenham um papel importante no processo de permanência acadêmica das estudantes mães. Seja por meio de apoio emocional, da troca de informações acadêmicas ou da compreensão em situações específicas; o ambiente entre colegas aparece como uma fonte significativa de suporte. Assim, embora diversas nas formas e intensidades, as relações entre colegas se constituem como um elemento importante do percurso acadêmico das estudantes mães, podendo funcionar tanto como rede de apoio quanto como espaço de tensão ou isolamento, dependendo das condições pessoais e estruturais de cada trajetória.

4.3 Relação com os professores: alguns sim, outros não

*Fincadas no íntimo de nossas narrativas.
Colocaremos para fora palavras-rio
E mergulharemos fundo.*

As narrativas sobre a relação com os professores também apresentaram variação. Parte das entrevistadas descreveram os docentes como sensíveis às suas necessidades, demonstrando abertura para flexibilizar prazos, acolher ausências justificadas ou adaptar atividades quando necessário. Por outro lado, algumas estudantes relataram falta de compreensão, rigidez e até julgamentos explícitos relacionados às suas condições de mães.

As narrativas revelam que a relação das mães-estudantes com os professores é marcada por uma combinação de acolhimento, empatia e compreensão por parte de alguns docentes. Algumas das participantes relataram experiências bastante positivas com professores que demonstraram sensibilidade às demandas da maternidade, acolhendo a presença dos filhos nas aulas e oferecendo apoio prático em momentos específicos.

Ângela relata que é recorrente a presença do filho na sala de aula, e destaca que *“ninguém reclama dele na aula”* e que muitos docentes não apenas aceitam sua presença, como afirmam explicitamente que o bebê é bem-vindo na sala de aula. Da mesma forma, Carolina relata surpresa pelo acolhimento recebido, afirmando que *“nenhum professor nunca me falou que não queria que eu trouxesse ela”*. Esses relatos evidenciam que a postura receptiva de professores contribui diretamente para a permanência acadêmica das estudantes mães, reduzindo tensões e sentimentos de inadequação. A presença de docentes que reconhecem suas demandas específicas gera um ambiente mais seguro e humanizado.

Apesar das experiências positivas, quase todas as entrevistadas mencionam episódios de rigidez ou falta de abertura por parte de alguns docentes. Ângela lembra que um professor lhe atribuiu falta quando precisou sair meia hora antes devido ao bebê, ela conta que:

“E aí o professor me deu falta. Aí eu conversei com ele, ele falou que ia tirar dessa vez, mas que era pra eu ficar sempre até o final da aula. Não era pra ir embora mais cedo. Aí eu fiquei, tá. Ele nem sabe da situação, ele nem perguntou. Mas foi só essa vez. Aí esse professor em específico, eu já sei disso, então independente eu vou ter que ficar na aula dele”.

Essa ausência de diálogo reforça uma postura de distanciamento e falta de empatia, gerando insegurança e constrangimento. Conforme o estudo de Sousa; Leonardeli (2024) a ausência de empatia e compreensão por parte do corpo docente se configura como um dos principais entraves enfrentados por mães universitárias, dificultando a conciliação entre as responsabilidades acadêmicas e familiares. Diante desse cenário, evidencia-se a necessidade de políticas institucionais mais flexíveis e sensíveis às especificidades das estudantes mães, de modo a garantir melhores condições de permanência e sucesso na universidade.

A fala de Enedina traz nuances importantes sobre como a personalidade do estudante e o estilo do professor influenciam a relação pedagógica. Ela relata:

“Eu gosto de conversar, eu aprendo falando. Então, até o professor me conhecer assim, às vezes demora, vai de cada professor. Então, tem professor que eu acho que ele gosta desse meu jeito de conversar, de trocar ideia, de construir junto o conhecimento. Mas já tem professor que ele tem o planejamento da aula dele, mas ele não consegue sair fora do planejamento dele. Então, se eu intervenho, vai atrapalhar, ele se sente incomodado. Mas aí a gente vai aprendendo a lidar.”

Essa análise revela que as relações são complexas e que a maternidade, no caso dela, não é o único fator que afeta a dinâmica sala de aula; questões como estilo de aprendizagem, método do professor e ritmo da turma também interferem na convivência.

Lélia reforça a necessidade de explicitar constantemente sua rotina aos professores, para que compreendam sua realidade. Ela afirma: *“sempre tenho que deixar bem claro que a minha vida é muito corrida, que eu quero dar o melhor de mim, que se às vezes eu falhar, eu vou procurar explicar pra eles, né, mas que eu me esforço muito”*, indicando que, para algumas mães, a manutenção de uma boa relação depende de um esforço contínuo de explicação, justificativa e negociação. Esse conjunto de relatos revela que a relação com docentes não se dá de maneira automática; ela exige comunicação, adaptação e, muitas vezes, exposição pessoal por parte das mães.

Portanto, embora existam experiências de acolhimento significativo, ainda há lacunas na formação docente e nas práticas pedagógicas para lidar com a maternidade de forma efetivamente inclusiva e contínua. Carneiro et al. (2024) convergem com a realidade descrita sublinhando que as mães estudantes enfrentam desafios significativos que requerem um esforço contínuo de comunicação e justificação. As autoras destacam a importância da empatia dos professores e a necessidade de apoio institucional, ressaltando que entre os principais obstáculos vivenciados pelas mães estudantes, estão a falta de empatia por parte dos professores, bem como a escassez de reconhecimento e de suporte das instituições educacionais.

4.4 Impactos da maternidade na graduação: um olhar mais sensível

*Pés as barracas, sonhos plantados e
Nos fios das águas escorre
O eco das nossas vozes
(Coletivo Vozes-Mulheres)*

Os relatos das participantes demonstram que a maternidade repercute de forma profunda e complexa na trajetória acadêmica. Em muitos casos, representam sentimentos de dupla

identidade (mãe e estudante) que coexistem, mas frequentemente entram em conflito. O cuidado com os filhos, as demandas domésticas e a necessidade de suprir afetivamente a família influenciam na rotina de estudos, na participação em aulas e no envolvimento em atividades extracurriculares. Isso revela que ser mãe no ensino superior implica reorganizar rotinas, redefinir prioridades e repensar o próprio sentido da formação.

Algumas entrevistadas percebem a maternidade como responsável por ampliar sua sensibilidade em relação às crianças e às famílias, influenciando positivamente seu engajamento no curso. Ângela afirma que *“Me abriu um olhar maior, mais sensível. Porque uma coisa é você ver as crianças de fora, outra coisa é você ter uma criança. Quando você tem a sua criança, começa a se colocar no lugar das mães, das famílias, e da própria criança”*, mostrando uma mudança na sua concepção de infância a partir da experiência concreta da maternidade.

Antonieta também destaca essa percepção, anunciando que os conhecimentos do curso auxiliam na observação e compreensão do desenvolvimento do próprio filho. Para ela, o curso possibilita articular teoria e prática na vida cotidiana, contribuindo para escolhas futuras sobre escolarização e cuidado com o filho. Enedina coincide com essa visão ao enfatizar a importância da escolha do curso: *“O curso de pedagogia tem me ajudado a ter um outro olhar para o ser humano e para as aprendizagens.”* Essa dimensão positiva demonstra que a maternidade não apenas modifica a rotina acadêmica, mas também redireciona o sentido e o significado da formação para essas mulheres.

Um estudo realizado com discentes do município de Linhares (Sousa; Leonardeli, 2024) demonstrou que as mães manifestam que a formação em Pedagogia contribui positivamente para a maneira como percebem e conduzem a educação de seus filhos, especialmente no que se refere à compreensão do desenvolvimento infantil, dos processos de aprendizagem e da importância das memórias afetivas. Segundo o estudo, o curso possibilita a construção de um olhar mais sensível e reflexivo sobre a infância, articulando os conhecimentos acadêmicos à prática materna, o que favorece experiências educativas mais significativas no cotidiano familiar.

Apesar das percepções positivas, os relatos das entrevistadas apontam também para as dificuldades que a maternidade impõe à permanência no curso. Aretha expressa de forma objetiva a sobrecarga vivida: faltas por doença da criança, dificuldades de estudar em casa e a necessidade constante de sacrificar o próprio descanso; segundo ela *“Se dedicar a criança e aos estudos é bem difícil, a gente fica numa balança. Tem que esperar eles dormirem para fazer as coisas. Porque eles já ficam o tempo todo longe de você, enquanto está na faculdade ou no*

serviço, então o tempinho que você tem, tem que dar para eles.” Sua fala revela a tripla jornada que enfrenta: mãe, estudante e trabalhadora; onde precisa adotar estratégias improvisadas de estudo, e se esforçar para manter o desempenho acadêmico em meio a rotina domiciliar.

Conforme Lopes; Ramalho (2023), muitas estudantes mães vivenciam sentimentos de culpa e frustração ao perceberem que a intensa dedicação às demandas acadêmicas reduz o tempo de convivência com seus filhos, o que as impede de acompanhar de forma mais próxima o desenvolvimento da criança. Esse acúmulo de responsabilidades tende a provocar um distanciamento da vivência da maternidade e pode resultar em desmotivação ao longo da trajetória universitária. Esse 'malabarismo' relatado materializa a divisão sexual do trabalho discutida na seção 2, onde as funções reprodutivas e de cuidado permanecem invisibilizadas e centralizadas na figura feminina, dificultando a dedicação plena ao campo produtivo/acadêmico (HIRATA; KERGOAT, 2007).

O impacto da maternidade alcança também o lado emocional. Lélia aponta sentir olhares de julgamento e de preconceito por ser mãe e estudante: *“Às vezes, lidar com certos olhares, com certos modos de falar, mas a gente tenta levar em consideração. Porque a gente não pode desistir por causa dos olhares, por causa do julgamento das pessoas.”*. Sua fala revela um cenário em que mulheres com filhos precisam reafirmar constantemente sua legitimidade no ambiente universitário. A discriminação e os comentários preconceituosos baseados na maternidade refletem estereótipos que podem prejudicar a autoestima e a confiança das mães em sua capacidade de equilibrar múltiplos papéis (Sousa; Leonardeli, 2024), demonstrando que, além dos desafios acadêmicos, essas mulheres enfrentam barreiras simbólicas e emocionais que impactam sua permanência e experiência na universidade. Tal realidade reforça a necessidade de políticas institucionais e práticas pedagógicas mais sensíveis às especificidades das estudantes-mães, de modo a promover um ambiente acadêmico mais inclusivo e acolhedor.

O relato de Carolina mostra um impacto particular, para ela a maternidade não apenas alterou sua rotina, como também reconstruiu sua trajetória dentro do curso. A descoberta de um método de alfabetização durante a gestação se tornou um eixo de interesse profissional, pessoal e filosófico; ressignificando o sentido da pedagogia em sua vida. Ela afirma: *“Se eu não estivesse grávida, não iria conhecer isso. Se eu não tivesse filho, não ia nem passar perto disso. Então acho que por eu estar grávida, eu descobri o que eu gosto na pedagogia.”* Sua fala destaca as possibilidades que a maternidade tem de nos fazer ter um olhar mais sensível para certas nuances, que sem ela não seria possível.

Tanto Carolina quanto Sônia chamam atenção para a ausência de suporte institucional adequado: falta de locais apropriados para deixar as crianças, falta de fraldários, dificuldade

para realização de provas sem rede de apoio, e pouca flexibilidade das atividades acadêmicas. Carolina enfatiza a falta de estrutura física para dar suporte às necessidades da filha: *“Tem um fraldário lá na biblioteca, e as mães que estudam em outros blocos? É muito complicado. Eu acho que deveria ter algum apoio financeiro, algum auxílio para incentivar elas a virem para a universidade.”* Para ambas, o abandono da graduação por falta de assistência (institucional e pessoal) prejudica não somente a mulher, mas também a criança.

Conforme Urpia; Sampaio (2011), a falta de políticas institucionais de apoio nas universidades leva as estudantes mães a experimentarem queda de rendimento acadêmico, interrupções no percurso formativo (como trancamentos e abandonos) e sentimento de culpa por não conseguirem se dedicar integralmente nem aos estudos nem aos filhos. Esse cenário configura um dos maiores desafios percebidos pelas mães universitárias, que frequentemente não se sentem acolhidas pela universidade no que se refere à conciliação entre maternidade e vida acadêmica.

5. (In)conclusão: muito a se fazer

*Não peço que concorde
Não me impeça que eu fale
Entendo que discorde
Não espere que eu me cale
(Pitty)*

A presente pesquisa teve como objetivo problematizar a permanência das mães-estudantes no ensino superior, especificamente no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, analisando de que forma a maternidade impacta as trajetórias acadêmicas e como as relações estabelecidas no ambiente universitário influenciam esse percurso.

A partir do diálogo entre o referencial teórico e os dados produzidos nas entrevistas, foi possível compreender que, embora o acesso das mulheres à universidade represente um avanço histórico significativo; a permanência das mães-estudantes ainda é marcada por diversas desigualdades estruturais, sobretudo as relacionadas à divisão sexual do trabalho e a naturalização do cuidado como responsabilidade feminina. A maternidade, nesse contexto, não se configura como um contexto isolado, mas sim como um elemento socialmente construído que reflete diretamente na inserção e na participação dessas mulheres na vida acadêmica.

As narrativas das participantes retrataram que a experiência universitária das mães-estudantes é atravessada por uma sobrecarga constante, resultante da conciliação entre estudo, trabalho, cuidados com os filhos, responsabilidades domésticas e vida social. Esse acúmulo de

jornadas resulta em cansaço físico e emocional, na limitação de tempo de dedicação aos estudos e, em muitos casos, conduz ao trancamento da matrícula, atrasos na formação e sentimento de insuficiência. Dificuldades essas que não são apenas individuais, mas que refletem a ausência de políticas institucionais mais amplas e diretas de apoio à maternidade no ensino superior. Embora ocorra a flexibilização pontual por parte de alguns docentes, ela não se configura como uma norma institucional, fazendo com que as estudantes busquem soluções individuais para um problema que é estrutural e social.

Apesar de todas as participantes serem casadas, em nenhum momento das entrevistas houve menção ao compartilhamento das tarefas domésticas ou ao cuidado com os filhos, indicando assim uma maior responsabilização sobre a mulher e uma maternidade solo mesmo estando casada. Tal ausência sugere uma romantização da maternidade, na qual se espera que a mulher “dê conta” de todas as demandas sozinha, sem reclamar e sem apoio. Observa-se, assim, uma naturalização do ser-mãe, em que a mulher se sente na obrigação de ceder seus próprios anseios em prol de um filho que não foi concebido sozinha; priorizar as necessidades domésticas para depois focar em seus interesses pessoais; e, muitas vezes, abdicar de uma trajetória profissional de sucesso para se dedicar a educar os filhos. Essa lógica se encontra profundamente enraizada em nossa sociedade patriarcal e machista, de modo que, muitas vezes, as próprias mulheres não conseguem perceber as relações de submissão às quais estão imersas, contribuindo assim para a perpetuação de um estado de docilidade e conformidade com a realidade em que estão inseridas.

A respeito das relações interpessoais, os dados relevaram experiências diversas. Por um lado, a presença de colegas solidários e professores sensíveis às demandas da maternidade se mostraram fundamental para a permanência acadêmica, contribuindo para a construção de um ambiente mais humano e acolhedor. Por outro, foram relatadas situações de rigidez, incompreensão e inviabilização das necessidades dessas estudantes, revelando que a universidade ainda opera sob uma lógica que pressupõe a disponibilidade integral da discente, desconsiderando as múltiplas dimensões da vida das mães-estudantes.

A análise de uma das ações institucionais, como o Regime Especial de Aprendizagem, indicou que, embora exista um respaldo legal que busque garantir a continuidade dos estudos durante a gestação e o puerpério, as medidas atualmente previstas demonstraram ser insuficientes diante da complexidade das demandas vivenciadas pelas estudantes mães. Entretanto, o retorno e a permanência dessas estudantes se tornam ainda mais fragilizados, uma vez que não há um suporte institucional efetivo para assegurar condições reais de retorno às

atividades acadêmicas da estudante após o nascimento da criança, transferindo para ela a responsabilidade individual de conciliar o cuidado com os filhos e a continuidade dos estudos.

Dessa forma, os resultados desse estudo apontam para a urgência de se repensar a universidade como um espaço que reconheça a pluralidade de trajetórias das estudantes, e que incorpore a maternidade como uma dimensão legítima da experiência acadêmica. Isso implica não apenas a ampliação de políticas institucionais de apoio, mas também a construção de práticas pedagógicas mais flexíveis e empáticas. Assim, compreende-se que garantir a permanência das estudantes mães no ensino superior não se resume à direitos formais, mas exige a transformação das estruturas institucionais, das culturas acadêmicas e das relações interpessoais que formam o cotidiano universitário. No caso do Curso de Pedagogia da UFU, as Normas ainda não estão adequadas à Lei nº 14.925 de 17 de julho de 2024.

Vale ressaltar que o presente trabalho não teve o intuito de esgotar a temática aqui discutida, uma vez que é importante haver pesquisas novas na área, a fim de compreender melhor a realidade e as dificuldades vivenciadas pelas mães-estudantes na educação superior, bem como fomentar o debate sobre a permanência dessas mulheres na universidade. Espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o debate sobre maternidade e educação superior, dando visibilidade às experiências das estudantes mães e incentivando a formulação de políticas públicas e institucionais que assegurem não apenas o acesso, mas a permanência digna, justa e a conclusão dos estudos por essas mulheres.

Portanto, a partir da pesquisa realizada, se mostra evidente que conciliar a vida de mãe com a vida acadêmica não é fácil; mas apesar das diversas atribuições e dos desafios que essas mulheres enfrentam diariamente, elas demonstram determinação, garra e persistência para cumprirem seu objetivo de concluir a educação superior. A permanência não deveria exigir "heroísmo", mas sim infraestrutura.

Permanecer na universidade, para as mães-estudantes, não deveria ser um ato de resistência solitária, mas sim um direito garantido por uma instituição que reconhece, acolhe e valoriza todas as formas de existência que constituem o espaço acadêmico, sem prejuízo pelo fato de exercer a maternidade em uma sociedade tão injusta e machista.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CP nº 1, de 9 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Diário Oficial da União, Brasília, 16 maio 2006. Seção 1, p. 11-16.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2024**: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2025. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_superior_2024.pdf. Acesso em: 06 abr 2026.

BORGES, Diélen. Materniência: projeto une mães cientistas da UFU e outras instituições. **Comunica UFU**. Uberlândia, 15 jun 2023. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2023/06/materniencia-projeto-une-maes-cientistas-da-ufu-e-outras-instituicoes> Acesso em: 03 out 2025.

CAMÉLIA, Bia; LIMA, Hannah S.; SILVA, Milena; RIBEIRO Pók; MACIEL, Ruthe; RABELO, Yasmin. (Coletivo Vozes-Mulheres) Antropofágicas. **Ruído Manifesto**, [s.l.], 20 jun. 2022. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/sete-poemas-do-coletivo-vozes-mulheres-alem-das-margens/> Acesso em: 09 jan. 2026.

CAMÉLIA, Bia; LIMA, Hannah S.; SILVA, Milena; RIBEIRO Pók; MACIEL, Ruthe; RABELO, Yasmin. (Coletivo Vozes-Mulheres) Rito de anúncio. **Ruído Manifesto**, [s.l.], 20 jun. 2022. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/sete-poemas-do-coletivo-vozes-mulheres-alem-das-margens/> Acesso em: 09 jan. 2026.

CARNEIRO, Teresa; FIGUEIREDO, Amélia; VIANA, Clara; MELO, Helena. **A experiência da maternidade e ser estudante**: scoping review. Revista Lusófona de Educação, n. 62, p. 109-127, 2024. DOI: 10.24140/issn.1645-7250.rle62.07

CORALINA, Cora. Saber viver. In: SOARES, Alex. **Top 10 poemas escritos por mulheres**. 2020. Disponível em: <https://alexsoares.home.blog/2020/04/16/top-10-poemas-escritos-por-mulheres/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

DAMIS, Olga Teixeira. O curso de Pedagogia da UFU: um pouco de história. **Ensino em Revista**, [S. l.], 2010. DOI: [10.14393/ER-v17n1a2010-2](https://doi.org/10.14393/ER-v17n1a2010-2).

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

LISPECTOR, Clarice. In: **Um sopro de vida: pulsações**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. Disponível em: <https://ia801809.us.archive.org/2/items/cadernos-literatura-brasileira-clarice-lispector/Um%20sopro%20de%20vida%20-%20Clarice%20Lispector.pdf>. Acesso em 09 jan. 2026.

LOPES, Lorrane Martins; RAMALHO, Carla Chagas. **Mães-universitárias: as dificuldades durante a graduação em Educação Física**. Revista Mosaico, [S. l.], v. 16, p. 104-118, 2023. DOI 10.18224/mos16i4.12605.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORE, Del Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 371 – 403.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEIRELES, Cecília. **Desenho**. In: MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MORAES, Bruna; ALVES, Caroline Stephanie Bastos. **O ser-mãe experienciado durante o processo de graduação à luz da teoria humanística**. 2019. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) – Curso de Enfermagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2019.

PITTY. **Noite inteira**. In: *SETEVIDAS*. [S.l.]: Deckdisc, 2014. 1 CD.

PRATES, Solange Riato; GONÇALVES, Josiane Peres. Educação superior e relações de gênero: atividades domiciliares para mães estudantes de pedagogia. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 5, p. e019030, 2019. DOI: 10.20396/riesup.v5i0.8653753.

PROAE. Edital nº03/2025. Disponível em: <https://proae.ufu.br/acontece/2025/06/edital-proae-no-03-2025-concessao-inclusao-e-alteracao-de-auxilios-de-assistencia>. Acesso em 24 fev. 2026.

RATUSNIAK, Célia; CÉSAR, Maria Rita de Assis; SILVA, Carla Clauber. **É possível ser mãe-aluna?** Notas sobre a moralização da gravidez/maternidade e as práticas de cuidado que favorecem a permanência nas instituições de ensino. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 169-188, jan./jun. 2021

RUIZ, Alice. In: **Dois em um**. São Paulo: Iluminuras, 2008. Disponível em: <https://rauldrewnick.blogspot.com/2018/05/um-poema-de-alice-ruiz-s.html?m=1>. Acesso em: 09 jan. 2026.

SALCIDES, Carolina. **Toda Mulher**. In: *Poesias Carolina Salcides*, 28 set. 2005. Disponível em: <http://fadasepoesias.blogspot.com/search?updated-max=2013-03-30T18:44:00-03:00&max-results=4>. Acesso em: 09 jan. 2026.

SILVA, Jeane Santana da; ALVES, Mirelle Brandão; CARVALHO, Gleiciane Brandão; TAVARES, Ricarte; ARRUDA, Aziel Alves de; COSTA, Cristiane Dias Martins da. **A**

maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos pelas discentes da Universidade Federal do Maranhão - UFMA campus VII Codó. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 42538-42550, jul. 2020. DOI:10.34117/bjdv6n7-027.

SOUSA, Daniel Rafael; LEONARDELI, Poliana Bernabé. A experiência de mães estudantes do curso de pedagogia: um estudo acerca dos desafios enfrentados pela mulher no espaço educacional. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 4, n. 5, p. e3901, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N5-045.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UBERLÂNDIA. Universidade Federal de Uberlândia. Conselho de Graduação. **Resolução CONGRAD nº 46, de 28 de março de 2022.** Uberlândia, 28 mar. 2022. Disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/ataCONGRAD-2022-46.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2025.

UBERLÂNDIA. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia.** Uberlândia, 2006. Aprovado pelo CONFACED em 27/10/2005 e pelo CONGRAD em 02/05/2006. Disponível em: <https://www.faced.ufu.br/graduacao/pedagogia-presencial/projeto-pedagogico>. Acesso em: 26 nov. 2025.

URPIA, Ana Maria de Oliveira; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. **Mães e universitárias:** transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, SMR., org. Observatório da vida estudantil: primeiros estudos[online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 146-168.

URPIA, Ana Maria de Oliveira.; SAMPAIO, Sonia Maria Rocha. Tornar-se Mãe no Contexto Acadêmico: dilemas da conciliação maternidade – vida universitária. **Revista Recôncavos**, v. 3, n. 2, nov, 2009, p. 30-43.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada “Desafios e possibilidades da permanência das mulheres mães no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Camila Lima Coimbra e Giovanna Lopes da Silva.

Nesta pesquisa nós estamos buscando compreender como a maternidade impacta na trajetória acadêmica; bem como analisar as dificuldades de suas vivências, a partir de entrevistas individuais.

O Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido de forma virtual antes do início da sua participação na pesquisa e coleta de dados. Basta preencher o termo enviado em anexo por e-mail, assiná-lo virtualmente em todas as páginas, nos quatro campos devidos, e encaminhá-lo de volta em formato PDF. Antes de concordar em participar da pesquisa, você pode entrar em contato com a pesquisadora, em tempo real, para discutir as informações do estudo. Seja através de e-mail, ligações ou mensagens via WhatsApp, a qualquer horário do dia.

Você tem o tempo que for necessário para decidir se quer ou não participar da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo. III da Resolução nº 510/2016). O período previsto para coleta de dados é de 10/06/2025 a 10/07/2025.

Na sua participação, você será entrevistada pessoalmente e o áudio será gravado através de um aparelho celular. A entrevista terá cerca de oito questões, com tempo estimado de até uma hora de entrevista.

Você tem o direito de não responder a qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Como a entrevista ocorrerá na própria Universidade Federal de Uberlândia, se houver a necessidade de seu deslocamento em decorrência unicamente da coleta, os custos serão cobertos pela pesquisa.

Nós, pesquisadores, atenderemos às orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2: f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. As gravações originais de áudio serão mantidas mesmo depois de transcritas, e serão tomadas todas as medidas cabíveis e possíveis para manter o sigilo por tempo indeterminado.

Os resultados da pesquisa serão publicados, e ainda assim a sua identidade será preservada. Será utilizado nomes fictícios para resguardar a sua identidade.

Os riscos consistem em você não se sentir à vontade para responder alguma pergunta da entrevista. Saiba que você é livre para compartilhar ou não suas experiências. A entrevista será realizada de forma individual, com total confidencialidade e privacidade. Também há o risco de identificação; mas os dados coletados serão analisados a partir de nomes fictícios, justamente para garantir o sigilo. Contando com a possibilidade de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento.

Para os riscos em ambiente virtual, que pairam sobre o anonimato, será garantido que ninguém além da pesquisadora tenha acesso aos termos de consentimento e transcrição das entrevistas.

Para minimizar alguns riscos do ambiente virtual, é importante que você tenha todo o cuidado com a segurança e privacidade do local quando realizar o acesso às etapas virtuais da pesquisa para que sejam garantidos o sigilo e a confidencialidade necessários. Antes, durante ou após o consentimento ou a coleta de dados, informe ao(à) pesquisador(a) quaisquer condições adversas, como entradas inesperadas de pessoas no ambiente.

Os benefícios e contribuições que se esperam com esta pesquisa são a oportunidade de refletir sobre sua trajetória, reconhecendo as dificuldades e vitórias que você já enfrentou; num ambiente seguro e acolhedor onde você poderá compartilhar suas histórias. Com mais visibilidade, essas experiências podem ajudar a melhorar programas e políticas que ofereçam mais apoio às mulheres mães.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Mesmo que na publicação final não contenha nomes verdadeiros, a pesquisadora ainda terá ciência de quem são os dados fornecidos. Podendo entrar em contato através de e-mail, ligação ou mensagem via WhatsApp, tratando da solicitação da retirada dos dados, que será respondida através do mesmo meio de comunicação, o mais rápido possível e será enviado por e-mail o Termo de Retirada de Consentimento e de Dados de Pesquisa, com sua devolutiva devendo ser enviada através do mesmo e-mail.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido enviado em anexo por e-mail deve ser salvo nos seus arquivos. Este Termo está assinado pela pesquisadora responsável e contém seu telefone e endereço de contato para que você possa tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação.

Em qualquer momento, caso tenha qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com Giovanna Lopes da Silva, número celular (34)99818-8705, ou no endereço: Faculdade de Educação - Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica – Bloco 1G - Sala 156
Av. João Naves de Ávila - 2121 - Bairro Santa Mônica
Uberlândia - MG - CEP 38408-100.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você tem direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Para obter orientações quanto aos direitos dos(as) participantes de pesquisa, acesse a cartilha disponível no *link*:
https://propp.ufu.br/sites/propp.ufu.br/files/media/documento/cartilha_dos_direitos_dos_participantes_de_pesquisa.pdf.

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131; ou pelo *e-mail* **cep@propp.ufu.br**. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos(as) participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 2025

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do(a) participante de pesquisa

APENDICE B

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Roteiro da entrevista com as mulheres mães do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia:

- 1: Identificação (idade, ano do curso, idade do(s) filho(s), se trabalha, estado civil, como se declara)
- 2: Você encontra dificuldades para fazer o curso? Quais?
- 3: Você já precisou trancar alguma disciplina?
- 4: Você já reprovou em alguma disciplina?
- 5: Você já teve problemas com faltas? Ou reprovação por frequência?
- 6: Como você avalia a sua relação com os colegas em sala?
- 7: Como você avalia a sua relação com os professores?
- 8: Na sua vida universitária, ser mãe trouxe algum impacto?

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Desafios e possibilidades da permanência das mulheres mães no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia

Pesquisador: Camila Lima Coimbra

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 88070725.4.0000.5152

Instituição Proponente: Faculdade de Educação - UFU

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.642.479

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos documentos Informações Básicas da Pesquisa: PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2526287.pdf e Projeto Detalhado Desafios e possibilidades da permanência das mulheres mães no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia postados em 10/04/2025

INTRODUÇÃO

Este projeto visa discutir como a maternidade impacta a trajetória acadêmica de mulheres universitárias, especificamente no curso de pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia. Também busca-se entender a influência da relação com os docentes no desenvolvimento acadêmico. O trabalho se baseia em uma análise teórico-metodológica sobre a maternidade no ambiente universitário e ressalta a importância de políticas públicas para essas mulheres. A pesquisa será qualitativa, com uma abordagem que valoriza as experiências e vivências compartilhadas pelas mulheres mães. A pesquisa visa, portanto, dar visibilidade às dificuldades e potencialidades das mães na universidade, e buscar estratégias para um ambiente acadêmico mais inclusivo e acolhedor.

METODOLOGIA

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4131

E-mail: cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 7.642.479

(A) Pesquisa/Estudo ¿ Qualitativa com uso da entrevista individual.

(B) Tamanho da amostra 23 universitárias do curso de Pedagogia

(D) Processo de consentimento ¿ ¿Será enviado um e-mail à estudante mãe que manifestou interesse pela pesquisa, e em anexo constará o termo de consentimento, que deverá ser preenchido pela participante com sua assinatura virtual, e encaminhado de volta pelo e-mail no formato PDF. Com relação às medidas que serão tomadas acerca da segurança na transferência e no armazenamento dos registros de consentimento em ambiente virtual: Uma vez concluído o processo de consentimento, farei o download dos registros do consentimento para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem".¿.

(E) Local e instrumento de coleta de dados / Experimento ¿ Campus Santa Monica da Universidade Federal de Uberlândia

(F) Metodologia de análise dos dados ¿ ¿Para realizar o levantamento dos dados referentes aos objetivos propostos, a pesquisa utilizará inicialmente uma pesquisa bibliográfica, e posteriormente será realizada uma pesquisa de campo. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa de campo envolve a coleta de dados diretamente no ambiente onde os fenômenos ocorrem, permitindo uma observação mais próxima e detalhada da realidade estudada.; assim possibilitando uma interação direta com os sujeitos e contextos envolvidos, facilitando a compreensão contextualizada dos fenômenos em estudo. Nesse sentido será utilizado como recurso metodológico, o emprego de entrevistas com as alunas buscando compreender como é a relação de convivência com os professores e quais os desafios enfrentados. Sendo assim, empregaremos o método de entrevistas semiestruturadas, pois acreditamos que esta ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis que o participante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo assim a pesquisa. Trivinos (1987) entende entrevista semiestruturada como aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do participante. Assim, o voluntário da pesquisa segue espontaneamente a sua linha

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4131

E-mail: cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 7.642.479

de pensamento e de suas experiências, e começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.¿

(G) Desfecho Primário e Secundário ¿

O recrutamento será feito diretamente nas salas de aula. Onde após eu explicar sobre a pesquisa, será disponibilizado o meu contato via Whatsapp para que as mulheres mães que se dispuserem a participar se manifeste com o nome e e-mail individualmente. Após isso será enviado ao e-mail da estudante o TCLE para ser assinado, caso a estudante esteja de acordo com a pesquisa. Posteriormente será agendado a entrevista individual, de acordo com a disponibilidade de cada aluna.

Desfecho Secundário: Depois do aceite de participação das mulheres mães, com o envio dos respectivos termos de consentimento preenchido por elas, serão marcados encontros individuais com cada participante, para as entrevistas ocorrerem na própria Universidade, e a depender da disponibilidade de cada uma para combinar o dia exato. A entrevista terá seu áudio gravado através do meu celular. O áudio será transcrito após a realização da entrevista. Nós, pesquisadores, atenderemos às orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2: f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. As gravações originais de áudio serão mantidas mesmo depois de transcritas, sendo tomadas as medidas possíveis e cabíveis para a manutenção do sigilo por tempo indeterminado.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO - "Discentes do curso de Pedagogia maiores de 18 anos, que são mães e que aceitem conceder a entrevista tendo preenchido o termo de consentimento.¿

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO - "Discentes do curso de Pedagogia menores de 18 anos, que não são mães.¿

CRONOGRAMA - Etapa de coleta de dados de 30/06/2025 a 18/07/2025

ORÇAMENTO - Financiamento próprio 1.629,00

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 7.642.479

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO - "Compreender como a relação dos docentes com as mulheres mães pode influenciar na sua trajetória acadêmica, a partir de entrevistas com as estudantes".

OBJETIVO SECUNDÁRIO -

- a) Análise teórico-metodológica sobre a temática.
- b) Analisar as dificuldades das vivências das mulheres mães na graduação.
- c) Evidenciar as possibilidades que as discentes mães podem recorrer no ambiente acadêmico.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS Os riscos possíveis para as participantes da pesquisa pairam sobre o constrangimento ao responder a entrevista e a identificação da participante. Para minimizar tais riscos, as estudantes são livres para compartilhar ou não suas respostas e experiências. Para isso será enviado um e-mail individual para cada participante, visando preservar sua identidade. A entrevista será realizada de forma individual, buscando proporcionar privacidade, confidencialidade e ausência de interrupções. Contudo com a possibilidade de desistirem de participar da pesquisa em qualquer momento.

BENEFÍCIOS - "As contribuições e benefícios que se esperam com esta pesquisa são a oportunidade dessas mulheres mães refletirem sobre sua jornada pessoal, bem como suas dificuldades e superações, trazendo um sentimento de reconhecimento e validação de sua vivência, gerando um espaço seguro e acolhedor para compartilhar experiências. Com essa maior visibilidade pode impactar em programas e políticas de apoio a essas mães."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Após a análise do CEP/UFU não foram encontradas pendências.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Este parecer foi elaborado considerando os documentos abaixo listados:

PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2526287.pdf 10/04/2025 21:44:31

convite.pdf 10/04/2025 21:43:39

Projeto.pdf 10/04/2025 21:42:53

TCLEassinado.pdf 10/04/2025 21:42:37

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4131

E-mail: cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 7.642.479

declaracao.pdf 02/04/2025 14:10:05

curriculo.docx 02/04/2025 14:08:42

coleta.pdf 02/04/2025 14:07:28

Executora.pdf 28/03/2025 10:23:10

Rosto.pdf 28/03/2025 10:18:43

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise do CEP/UFU não foram observados óbices éticos nos documentos do estudo.

De acordo com as atribuições definidas nas Resoluções CNS nº 466/12, CNS nº 510/16 e suas complementares, o CEP/UFU manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa.

Prazo para a entrega do Relatório Final ao CEP/UFU: 03/2026

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP/UFU ALERTA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DE PESQUISA DEVE SER INFORMADA, IMEDIATAMENTE, AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE ÉTICA.

O CEP/UFU alerta que:

- a) Segundo as Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16, o pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- b) O CEP/UFU poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto;
- c) A aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento às Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16 e suas complementares, não implicando na

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4131

E-mail: cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 7.642.479

qualidade científica da pesquisa.

ORIENTAÇÕES AO PESQUISADOR:

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização e sem prejuízo (Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE, na íntegra, por ele assinado.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado pelo CEP/UFU e descontinuar o estudo após a análise, pelo CEP que aprovou o protocolo (Resolução CNS nº 466/12), das razões e dos motivos para a descontinuidade, aguardando a emissão do parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Resolução CNS nº 466/12). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro); e enviar a notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) apresentando o seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, destacando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. No caso de projetos do Grupo I ou II, apresentados à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador também

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4131

E-mail: cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 7.642.479

deve informá-la, enviando o parecer aprobatório do CEP, para ser anexado ao protocolo inicial (Resolução nº 251/97, item III.2.e).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2526287.pdf	10/04/2025 21:44:31		Aceito
Outros	convite.pdf	10/04/2025 21:43:39	Camila Lima Coimbra	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	10/04/2025 21:42:53	Camila Lima Coimbra	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEassinado.pdf	10/04/2025 21:42:37	Camila Lima Coimbra	Aceito
Outros	declaracao.pdf	02/04/2025 14:10:05	Camila Lima Coimbra	Aceito
Outros	curriculo.docx	02/04/2025 14:08:42	Camila Lima Coimbra	Aceito
Outros	coleta.pdf	02/04/2025 14:07:28	Camila Lima Coimbra	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Executora.pdf	28/03/2025 10:23:10	Camila Lima Coimbra	Aceito
Folha de Rosto	Rosto.pdf	28/03/2025 10:18:43	Camila Lima Coimbra	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4131

E-mail: cep@propp.ufu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA



Continuação do Parecer: 7.642.479

UBERLÂNDIA, 15 de Junho de 2025

Assinado por:
Eduardo Henrique Rosa Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4131 **E-mail:** cep@propp.ufu.br